

Diversão & Arte

REALIDADE DE SONHOS

E DURAS DESCOBERTAS

A animação *Coração de fogo* aborda o preconceito contra as mulheres. Outras opções no circuito são o drama *A ilha de Bergman* e o documentário *Transversais*

» RICARDO DAEHN

O cinema em muitas ocasiões apostou em troca de identidades e de gênero para personagens vividos por atrizes como Glenn Close (em *Albert Nobbs*), Barbra Streisand (*Yentl*) e Felicity Huffman (*Transamerica*). Agora, a animação *Coração de fogo* é que investe no tema da ampliação das atividades profissionais para mulheres oprimidas em épocas como os anos de 1930, no qual se passa a ação do longa. Empolgada com a profissão do pai, um bombeiro (já aposentado), a jovem Georgia Nolan pretendia ingressar na corporação. Mas, os preconceitos vigentes naqueles tempos não permitiam.

Na aventura idealizada por Laurent Zeitoun (produtor de filmes adultos como *Intocáveis* e *A morte de Stalin*), a jovem tem a chance de provar a capacidade, a partir de uma circunstância inusitada: durante um enorme incêndio que atinge um teatro da Broadway, a cidade de Nova York não conta com a atuação de bombeiros, uma vez que muitos, misteriosamente, desaparecem. Assumindo a identidade de Joe, Georgia, na base do improviso, traz para si um peso de enormes responsabilidades. Um agravante para toda a situação, no filme dirigido por Zeitoun e Theodore Ty (do departamento de arte de longas como *Monstros vs. Alienígenas*), está no fato de, acionado às pressas, o pai da protagonista comandar toda a operação na qual Georgia se vê infiltrada.

Numa abordagem de enormes transformações do curso da vida, outro longa que estreia na cidade é *Transversais*, de Emerson Maranhão, destacado para exposições anteriores em eventos como a 45ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo e o Cine Ceará. Na fita, pessoas trans contam das jornadas de realização pessoal e das barreiras enfrentadas, entre as quais, a pesada carga de preconceitos. Sob uma temática de homenagem ao diretor sueco Ingmar Bergman, a diretora de *A ilha de Bergman* (outra estreia no DF), Mia Hansen Love, não desvia de tópicos polêmicos que deram lastro à vida pessoal e às criações do autor de filmes como *O sétimo selo* (1957). Confira as críticas dos longas em cartaz.



ADEUS AO CINEASTA DO POVO

Diretor de filmes fundamentais para a remodelagem no conteúdo do cinema brasileiro, entre os quais *Viramundo* — na grande tela —, o cineasta e roteirista Geraldo Sarno (foto), morreu na última terça, no Rio de Janeiro, em decorrência de complicações causadas pela covid-19. Premiado no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, em 2008, pelo longa-metragem *Tudo isto me parece um sonho*, o diretor baiano, nascido em Vitória da Conquista, faleceu aos 83 anos. Em homenagem ao artista que assinou longas como *Coronel Delmiro Gouveia*, estrelado em 1978 por Rubens de Falco, o Canal Brasil exibirá hoje (às 13h) o último longa criado por Sarno: *Sertânia*. O filme, que investe em temas caros ao diretor, entre os quais crenças e cultura popular, tem no elenco cineasta Edgard Navarro (do longa *Eu me lembro*). No enredo, ao invadir uma cidade interiorana, o bando de Jesuíno vê Antão entregar a um estado de quase morte, que suscita uma série de memórias.



Foto: Divulgação

Coração de fogo: uma garota é posta à prova, ao tentar se impôr numa profissão virtualmente inacessível

Crítica / A ilha de Bergman ★★★

Esforçada homenagem

Tal qual o desdobrar de um roteiro turístico, com dicas preciosas, a diretora francesa Mia Hansen Love investe nas ações descritas em *A ilha de Bergman*, que tem por pano de fundo a obra de um dos reais mestres do cinema: o sueco Ingmar Bergman (morto em 2007). Antes de mais nada, vale salientar que não se trata do documentário homônimo, realizado em 2004. Tal qual nos longas *Liv & Ingmar: Uma história de amor* (2012) e *Bergman — 100 anos* (2018), o novo filme, que tem entre os produtores o brasileiro Rodrigo Teixeira, trata a famosa ilha do Mar Báltico (Faro, na qual o diretor fixou residência) quase como personagem.

No centro do enredo, Vicky Krieps (de *Trama fantasma*) interpreta Chris, uma cineasta casada com Tony (Tim Roth). Ambos abraçam itinerário sonhado por cinefilos e por artistas que pretendem sorver inspiração repassada pela casa do imortal diretor Bergman, responsável por obras-primas do cinema, entre as quais *Através de um espelho*, *Luz de inverno* e *O silêncio*. A crença em fantasmas era constante na obra do diretor, daí a cineasta revolver passados mortos, ao criar um enredo paralelo, no plano da imaginação de Chris: *Joseph* (Anders Danielsen Lie) volta a conviver com Amy (Mia Wasikowska), incapaz de superar a posição de virtual amante.



Ficção *A ilha de Bergman*

Na trama central, a perspectiva de uma espécie de credence que cerca separações de visitantes é bastante sugerida. Emulando cenas de clássico como *Vergonha* (1968) e *Mônica e o desejo* (1953), *Mia-Hansen Love* aproveita para trazer relíquias do universo de Bergman, reafirmar impressões acerca dele (por vezes, desfavoráveis) e, igualmente, prestar reverência a Ingmar Bergman. Instigar, como no lapso de tempo descrito na cena do escritório (e que dá margem ao preceito de realidade adormecida, já usado por Bergman, em filmes e na vida), é dos méritos do filme que ainda abusa de fusões temporais, de jogos dramáticos e de encenações, vagamente, constituídas de teor bergmaniano.

Crítica / Transversais ★★★

Numa longa estrada

Incansável trabalhador, o enfermeiro Caio José é dos entrevistados que melhor exemplificam o conteúdo do longa-metragem de estreia de Emerson Maranhão, que registra a luta por visibilidade de pessoas trans, no Ceará — mas, numa compreensão capacitada à extensão pelo Brasil, a partir da multiplicidade de desinformação e de preconceito na nação ainda infestada pelo machismo desmedido.

Caio José, o atendente do Samu que se desdobra entre vários empregos, não consegue conter a emoção, ao tratar do cotidiano que passa por lidar com partos inesperados. É para além do atestado de existência, autenticado pelas certidões de nascimentos que os personagens de *Transversais* lutam. A perseguição por uma mínima qualidade de vida é dos deveres abraçados com afinco pela funcionária pública Samilla. Distanciando a realização plena, com ser humano, das parafilias (socialmente associadas, em tempos obscuros, à perversão), Caio Lemos, um pesquisador acadêmico, que segue o candomblé, é outra voz potente a ser citada na obra que teve produção de Allan Deberton (Pacarrete).

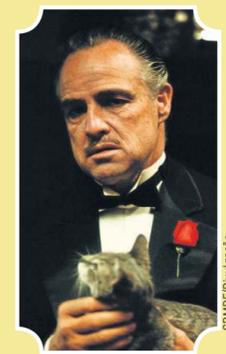


Documentário *Transversais*

Reivindicando respeito e balizando uma sociedade mais alinhada ao cenário contemporâneo, a pedagoga (e diretora de escola) Érika desponta em *Transversais* como uma campeã — posto que, na verdade, ela gostaria de ver frutificado, numa realidade de arejamento para vozes de pares ainda hoje calados. Vitoriosa, Érika trata, no documentário, de desafios como o de ajustar alunos e professores aos tempos de pandemia. Entre vários ângulos que tratam de desconstruções, um dos mais interessantes é o de Mara, que vencendo preconceitos, surpreende a ponto de encabeçar o grupo Mães pela Diversidade.

CINQUENTÃO REVIGORADO

Em homenagem aos 50 anos de sucesso de *O poderoso chefão*, clássico vencedor de três prêmios Oscar (filme, ator e roteiro adaptado), o Espaço Itaú trará de volta o filme, em sessões às 13h30, 17h e 20h30. Adaptado da obra de Mario Puzo, o longa conta a saga da família de mafiosos comandados, num primeiro momento, por Don Vito Corleone (Marlon Brando). O longa ainda competiu em outras oito categorias do Oscar.



CBMDF/Divulgação